

ARTIGO · CULTURA & SAÚDE

A Escola dos Anos Dourados

Memórias da Sorocaba dos anos 1950 e o nascimento de sua Faculdade de Medicina

Edgard Steffen

Formado pela primeira turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba (1956); ex-docente de Parasitologia Médica

Recebido para publicação em agosto de 2004 · Categoria: Artigo · Idioma: Português

RESUMO

O autor, formado na primeira turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba, resgata a 'estória' da instituição no seu cinquentenário, complementando a história já documentada. Reconstrói a Sorocaba dos anos 1950: uma cidade de origem tropeira, com bondes, guardas-civis, clubes, boemia e vida política ativa, mas carente de ensino universitário. Descreve o cenário médico-sanitário precário da época, com uso incipiente de antibióticos, surtos de doenças, poucos leitos e especialidades limitadas, além dos indicadores de baixa esperança de vida e alta mortalidade infantil. O texto argumenta que a chegada da faculdade acelerou o desenvolvimento da assistência médica regional e narra o episódio ousado em que Gualberto Moreira e o Padre André Pieroni abordaram o presidente Dutra para obter a autorização de funcionamento, concedida em 1950.

PALAVRAS-CHAVE: *faculdade de medicina de sorocaba; história da medicina; sorocaba; ensino médico; memória; anos 1950*

Publicado no jornal “O Cruzeiro do Sul” e no “Anuário 2001” da Faculdade de Medicina de Sorocaba

Formado pela primeira turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba em 1956

Ex-docente de Parasitologia Médica

A Faculdade de Medicina de Sorocaba nasceu de sorocabanos que ousaram sonhar e conseguiram trocar seus sonhos por um objetivo, atingido e ultrapassado. A história de nossa faculdade já foi muito bem contada e documentada pelo Dr. Hely Felisberto Carneiro em seu Livro “A Faculdade de Medicina de Sorocaba e os 50 Anos de sua história”.

Tendo sido contada a história, convidado a escrever sobre a Faculdade de Medicina de Sorocaba em seus cinquenta anos, nos restou contar a *estória*. Não nos julgamos saudosistas. O saudosismo nos impele sempre a achar que os tempos bons fazem parte do passado. Não existem “aqueles bons tempos”... existem apenas realidades diferentes.

Sorocaba, dos anos 50, era uma cidade grande mas guardava as características de simplicidade e informalida-

de do interior paulista) maximizadas por sua origem tropeira. Era grande pelo número de seus habitantes, pela geração de riquezas e pelo seu equipamento social. Cidade das indústrias (que geravam emprego e riqueza) e das escolas (que permitiam a instrução e formação de sua juventude) carecia do ensino universitário. Enquanto sua escola médica era sonhada, gestada e nascida, os bondes circulavam modorrentos desde a Rua dos Morros até o Cerrado; os guardas-civis, em seus uniformes azuis, cuidavam da ordem e do trânsito; compravam-se frios e laticínios na Mercearia Jacomino, fazia-se a barba e o cabelo no Salão Telles, discutia-se a instalação da semana inglesa, a pasteurização do leite e a política local. Os jornais cuidavam de assuntos como o resultado dos exames do Ginásio Estadual (Estadão), as reuniões e transcrição das palestras do Rotary Clube, a instalação do Banco do Estado de São Paulo na Rua Monsenhor João Soares. Nosso povo vibrava com a vitória de seus filhos: Prof Arthur Fonseca, sendo aprovado em 3º lugar no concurso estadual de ingresso ao magistério secundário; o “five” (como os jornais escreviam) sorocabano de basque-

te com Campineiro, Paschoalick, Sete Belo, Didi, Alonso era praticamente imbatível no interior paulista; Nilson Ferreira Leão convocado para a seleção paulista de natação e posteriormente sagrado campeão e recordista pan-americano. A Praça Cel. Fernando Prestes era palco do *footing* dos jovens. Outros clubes poderiam ser mais animados, mas o palaciano da cidade era o Sorocaba Clube. Nas noites boêmias, nos bares da moda, podia-se ouvir a afinada e empostada voz do Ireno Hanser, a voz e os acordes do Luiz Violão ou o violino do Vicente Centenário. Os jornais tratavam de todos esses assuntos além da política local com seus conflitos. Apesar de pacata, nossa cidade, nunca foi politicamente amorfa; partidos proibidos pela conjuntura da época, costumavam influenciar e decidir eleições.

Do ponto de vista médico-sanitário, os anos não eram assim tão dourados. O uso dos antibióticos ainda incipiente e oneroso; os jornais inseriam propaganda de empresas que se propunham a importar penicilina, estreptomicina e dihidroestreptomicina. Inseriam também apelos à caridade pública para aquisição desses antibióticos para tuberculosos pobres. Frequentemente noticiavam campanhas feitas por entidades locais para aquisição de medicamentos e insumos para o Hospital de Tuberculosos. Os serviços de saúde viviam às voltas com a proliferação de mosquitos gerando veementes protestos; na memória sorocabana continuava vivo o horror da febre amarela do início do século e da malária que grassou até a década de 40, tendo inclusive sido a causa da morte de um de seus mais ilustres prefeitos (Quinzinho de Barros). Terrenos sujos e saneamento básico deficiente não faziam Sorocaba diferente da maioria das cidades do interior paulista naquela época.

Para os 110 000 habitantes, a cidade contava com 430 leitos de seus 4 hospitais gerais. A construção do Sta Lucinda, doado pelas Indústrias Votorantin, acrescentaria 100 leitos que iriam servir ao ensino médico. Médicos de bom nível técnico, inclusive notáveis cirurgiões, militavam em suas clínicas particulares e nos iapês (previdência). Alguns deles viriam a participar do corpo docente da faculdade. As especialidades eram poucas, limitando-se à oftalmo-otorrinolaringologia, dermatologia, pediatria, cardiologia, fisiologia, radiologia e análises clínicas. A ortopedia, assim como a ginecologia-obstetrícia, era usualmente exercida pelos cirurgiões. As anestésias, ministradas pelas freiras e/ou pessoal de enfermagem. Sempre que possível, usava-se a anestesia local ou a raqui-anestesia aplicadas pelos próprios cirurgiões. As transfusões, realizadas segundo os tipos sanguíneos da classificação de Landsteiner, eram feitas diretamente do doador ao receptor, utilizando-se o conceito de doador universal. Passado meio século, poder-se-ia inferir que esse quadro

limitante da assistência médica seria vencido pela natural evolução da profissão médica. A conclusão nos parece óbvia mas temos uma certeza: a vinda de uma faculdade para Sorocaba apressou esse tipo de desenvolvimento. Anestesia, Banco de Sangue, Ortopedia, Cirurgia Torácica, Cirurgia Infantil, Anatomopatologia e outras especialidades foram se instalando com a velocidade de funcionamento das respectivas cadeiras na Faculdade.

A esperança de vida, para quem aqui nascesse, era de 55 anos e a razão de mortalidade proporcional – que mede os óbitos de maiores de 50 anos – era de 28% (praticamente a metade da razão de mortalidade proporcional da capital do Estado). A mortalidade infantil hoje situada entre 15 a 20 por mil nascidos vivos – devia estar em torno de 100 ou mais por mil. Nas cidades vizinhas a situação era pior: grande parte dos municípios da região sul do Estado de São Paulo não tinha nem hospital nem médico residente. Acreditamos – ao lado do idealismo de seus fundadores – essa constatação constituiu forte argumento na escolha de Sorocaba para sede de uma escola médica. Pensava-se que a interiorização do curso médico, resultaria naturalmente na interiorização dos profissionais. Ainda não se conheciam trabalhos mostrando que a mortalidade infantil variava mais com a presença de agência bancária que com a presença de médico nas comunidades. Um parêntese, no dia 18/3 a agência do Banespa também comemora o cinquentenário de sua atividade em nossa cidade.

Para terminar, no dia 4 de abril de 1950, a manchete do *Cruzeiro do Sul* alardeava: “O Presidente Dutra concedeu autorização para funcionamento da Faculdade de Medicina de Sorocaba ainda este ano”. A notícia fora dada ao prefeito Gualberto Moreira pelo Dr. Novelli Jr., deputado federal itano e ligado à família do Presidente Dutra. O que os jornais não contam: essa adesão do Presidente foi conseguida num lance de ousadia de Gualberto Moreira e do Padre André Pieroni.

Tratando do assunto no Ministério da Educação, souberam que se o Presidente Dutra concordasse, a faculdade sairia do papel. Fizeram plantão perto do Palácio do Catete, dormindo num táxi desde a madrugada. Quando o madrugador Marechal Dutra saiu para sua andata matinal, sofreu a abordagem. Eram anos dourados de paz e democracia, mas os seguranças que impediriam a aproximação de um paisano, nem desconfiaram que aquela batina preta, vindo em sua direção, teria a ousadia de abordar o Presidente e entregar-lhe os documentos relativos ao funcionamento da nossa Faculdade.

Apesar da autorização, a Faculdade de Medicina somente começou a funcionar no ano seguinte... mas isso já é outra história.